



Media Comunitária e seu papel na cobertura da COVID-19: estudo centrado no seguimento das ações das Rádios Voz Coop, N'komati e Moamba

Nguenha, Francisco Pedro Manuel
Akungondo, Unaiti
Noronha, Claida Basílio Francisco

Resumo

O presente artigo ressalta a importância da comunicação como fenômeno determinante das relações sociais, particularmente, para influenciar a mudança social e do comportamento perante a COVID-19, uma epidemia que estremeceu a economia a nível global e que suas consequências ainda se fazem sentir nos últimos dias. O texto questiona até que ponto a comunicação comunitária fez seguimento dos casos da Covid-19 difundindo os efeitos da crise influenciados pela pandemia, num contexto em que maior parte das empresas ficaram coibidas pela diminuição da produção, oferta e consumo a nível nacional e

não só? Assim, tínhamos em vista compreender três variáveis do processo comunicativo: a disseminação; a decodificação e; a interatividade nas comunidades per-urbanas e rurais tomando como metodologia principal a entrevista não-estruturada e observação simples). De forma geral foi possível perceber, nas três comunidades estudadas, que a existência de muitas culturas criou espaços para que as diferenças de comportamento perante a COVID-19 e outras situações adversas condicionasse a percepção das mensagens partilhadas bem como a estratégia implementada, o que resguardou ao aparecimento de um mal-estar social generalizado.

Palavras chaves: *Media Comunitária; COVID-19; Rádios Comunitárias.*

Introdução

A COVID-19 a nível mundial trouxe uma crise que devastou a economia dos países, particularmente, dos mais pobres, com uma economia já fragilizada por outros factores como os naturais, as guerras civis, conflitos políticos militares, o HIV e SIDA, entre outros, a exemplo de Moçambique. De acordo com Dhar e Bose (2022), os países mais pobres, diferentemente dos mais ricos, não conseguiram proteger a sua massa laboral pelo uso das TIC, tendo assumido que as pandemias vão ser uma ameaça à economia global, para além de terem originado muitos problemas socioeconómicos (Coombs, 2020, como citado em Dhar & Bose, 2022), ficando a *media* alheia à situação que se tornava caótica em todos os sentidos (McDonald, Sparks & Glendon, 2010, como citados em Dhar & Bose, 2022).

Dentre os relatórios do Governo, foi importante prestar atenção aos do Ministério da Saúde que enfatizam desafios na prevenção e na mitigação dos efeitos nefastos da pandemia. Além da explanação das medidas de prevenção e do controlo das infecções, não só para o público, como também dentro dos funcionários públicos e, especificamente, os da Saúde, em coordenação com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020; 2022). Portanto, nestes relatórios é detalhada informação que orienta a acção e procedimentos que devem ser seguidos a partir do conhecimento existente e universalmente partilhado.

A COVID-19 implicou na redução orçamental dos sectores sociais bem como a redução de renda

de famílias desfavorecidas e condicionou ao fechamento de acesso à educação da maioria da população estudantil, na sua maioria sem recursos para acederem ao ensino híbrido (associado ao uso de tecnologias digitais) agravando, de forma silenciosa, à vulnerabilidade das pessoas com acesso deficitário de informação, pois, os níveis de pobreza, particularmente em zonas rurais, são elevados (INE, 2019).

No contexto moçambicano, o estudo de Manjate (2020) mostra que os funcionários públicos têm informação sobre a pandemia, porém, carece de reforço para melhor sensibilizar (Schuller, 2004) bem como diminuir fragmentação na disseminação, particularmente por não terem dispositivos que facilitam o acesso à informação, podendo ser considerada, junto às suas famílias, a classe que maior atenção merece de modo a se alcançar os objectivos do plano quinquenal do governo.

É neste contexto em que na presente pesquisa tomamos por problema o facto de, a nível global, as estratégias de comunicação não se terem mostrados fundamentais na eliminação do coronavírus mesmo em países ricos onde os níveis de contaminação e o período da sua vigência ter se tornado preocupante a nível mundial. Particularmente em Moçambique, percebe-se a incapacidade da mudança pela apropriação cognitiva e instrumental da informação sobre a pandemia (Manjate, 2020), que resulte na transformação do indivíduo, condicionado pelas relações sociais construídas na base de distanciamento, criando exclusão social.

Assim, tem-se em foco a *media* comunitária

buscando responder a seguinte questão: até que ponto a comunicação comunitária fez seguimento dos casos da Covid-19 difundindo os efeitos da crise influenciada pela pandemia, num contexto em que maior parte das empresas ficaram coibidas pela diminuição da produção, oferta e consumo a nível nacional e não só? Assume-se como fundamental **as reações** dos ouvintes face às informações sobre a COVID-19 transmitidos através das línguas locais no ano de 2021, uma mensagem feita pelos locais, a nível local e, para responder às necessidades locais.

Nosso maior interesse visava compreender três variáveis do processo comunicativo: a disseminação; a descodificação e; a interatividade nas comunidades per-urbanas e rurais, particularmente por serem consideradas periféricas (Árabe, 2003) e que raras vezes se preocupam em demandar informação, mas os serviços (Nguenha, 2008; 2013). Assim, tínhamos por objectivo compreender **o papel da comunicação comunitária na cobertura da pandemia de COVID-19 nas rádios comunitárias da Voz Coop (Bagamoio), Moamba e N'Komati (Manhiça)**, os dois últimos assumidos como corredores (Cueteia, 2008).

O artigo resulta do relatório de pesquisa orientada pelo Departamento de Pesquisa em Comunicação Social (DPCS) da Escola Superior de Jornalismo (ESJ). É desenhado, fundamentalmente, tomando como base a análise das entrevistas sem categorizar as unidades de análise (Caregnato & Mutti, 2006). Tomamos o cuidado de não darmos atenção nas repetições feitas pelos entrevistados, considerando a significação do conteúdo manifesto, bem como observando a lógica do pensamento dos diferentes

intervenientes no âmbito da comunicação comunitária. Optamos pela técnica de entrevista por ser a que mais gere compreensões ricas, neste caso concreto, das experiências vividas, opiniões, atitudes e sentimentos das pessoas, (May, 2004). Foi, por outro lado, aplicada a técnica de observação para examinar os comportamentos adoptados pela comunidade em diferentes cenários que se criam nos espaços públicos e privados).

Com efeito, conversámos, nos três pontos, com três médicos, seis líderes comunitários, seis jornalistas e trinta membros da comunidade, podendo ser ouvintes ou não. Em termos de diferenciação no sexo conseguimos apenas equilibrar na categoria **comunidade** onde era possível fazer uma insistência para dialogar com o sexo feminino. Dos três pontos, apenas conseguimos dialogar com uma médica em Bagamoio e uma jornalista em Moamba.

Com a pesquisa conseguimos compreender que a comunicação comunitária é fundamental para influenciar na mudança de comportamento das comunidades, quer sejam rurais ou per-urbanas na medida em que estas criam espaços de debate aberto sobre os assuntos de modos comunitário e de nível local, assumindo-se que todos os assuntos respondem aos contextos locais, e produzidos pelos locais, o que gera mais espaços de debate, pois, fa-lo de forma humanista (Mafelopulos, 2008), dando voz aos que raramente são escutados (Taylor & Bogdan, 1994). Assim, em termos de utilidade da pesquisa ela pode ser usada para redefinir as estratégias de comunicação do Governo, particularmente para atingir comunidades rurais, onde a diversidade dos meios é remoto.

Comunicação e consciencialização na geração de interesse público

Uma das questões que podem ser feitas é “como é que as instituições de saúde se comunicam perante o contexto da COVID-19?” O facto é que na maior parte dos casos, particularmente neste período em que o uso das TIC tornou-se fundamental na difusão de mensagens, maior privilégio é dado aos meios tecnológicos como os que garantem uma comunicação em tempo real, podendo criar, por outro lado, uma dinâmica na interação. Uma das análises feitas por Coombs (2007) é de que em desastres naturais as organizações de todos os níveis e classes bem como os diferentes públicos de interesse tornam-se em vítimas (como citados em Dhar & Bose, 2022), gerando crises. Quer dizer, tornando-se todos em vítimas dificilmente encontramos no meio de nós o que se determina como sendo o que vai mediar estas relações criadas ao longo do pânico.

A. Verčič, D. Verčič & Coombs (2019), por outro lado, sublinham que o sinal da crise pode servir de indicador na medição das capacidades de liderança nas instituições, estabelecendo-se cada vez mais ou menos as relações com o mercado (como citados em Dhar & Bose, 2022), relações estas que ao mais alto nível são construídas pela proximidade cultural onde, a cultura é vista como símbolo (Massoni, 2007; 2008) das relações a serem desenvolvidas.

É neste contexto que se olha para a COVID-19 como um momento de redefinir-se estratégias de posicionamento tanto individual, bem como grupal como forma de buscar sustentabilidade social, amealhando empatias que condicionem o bem-estar comunitário. Dhar e Bose (2022) sustentam que a comunicação, empaticamente usada, dá

um apoio moral aos afectados, gerando mudanças significativas, daí entendermos a importância do fluxo de mensagens em diferentes canais como fundamental, diminuindo pressão gerada por outros factores em volta da COVID-19. Pois, os autores mostram que o comportamento gerado no momento da crise influencia a forma como as pessoas percebem e se comportam. Pois, para Stieglitz e Dang-Xuan, 2013 (como citados em Dhar & Bose, 2022), as crises criam emoções negativas como medo e ansiedade, por exemplo, que podem criar consequências negativas no indivíduo.

Entende-se o momento de crise como o mais frustrante na medida em que a busca de soluções torna-se cada vez mais complexa. Por exemplo, no contexto moçambicano o fluxo do dinheiro no mercado diminuiu drasticamente, elevando o custo de vida das camadas sociais já mais empobrecidas. O exemplo que se pode encontrar é que o mundo regrediu na ordem dos 3.5% do PIB global (Sambo, 2021)¹. É a essa crise que Mohammad (2008) se refere, quando, por exemplo, aponta para quatro estágios de emoções que se consideram negativas como a tristeza, medo, desgaste e aborrecimento (como citado em Dhar & Bose, 2022), onde a estratégia de comunicação deve prestar atenção a estas crises como forma de monitorar os comportamentos adversos. Estes estágios foram conhecendo cada vez mais níveis insustentáveis do ponto de vista sociocultural na medida em que foram sendo mais negativos na sustentação das relações pela diminuição de convivência, o que gerava cada vez mais um sentimento de rebeldia entre as pessoas, daí o aparecimento de comportamentos adversos como a rebeldia no cumprimento às medidas de segurança impostas pelos governos de todo mundo.

1. <https://iese.ac.mz/wp-content/upload>. Acesso a 20 de Janeiro de 2024. (autor do texto, título)

Contexto da Covid-19 no mundo e em Moçambique

O surto das gripes no mundo tem sido característico e que tem vindo a influenciar a nova forma de estar, ameaçando a saúde pública em quase que todos os lugares. As variantes das gripes e as doenças como a varíola, hepatites, pestes, tuberculose, meningites, entre outras, já ameaçaram o progresso da humanidade em níveis jamais vistos. Hoje cenários cada vez mais preocupantes vão se desenhando, colocando o mundo em alerta máximo. Em 31 de Dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS), foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de *Wuhan*, na província de *Hubei*, na República Popular da China que ficou diagnosticada como sendo a COVID-19. A pandemia deste vírus, cientificamente conhecida como a SARS-CoV-2, desencadeou um período de incertezas e enormes desafios no sistema de saúde, apesar dos avanços no campo de medicina a nível mundial.

É neste contexto que a OMS declara emergência de Saúde Pública de importância internacional em Janeiro de 2020 e, em Março do mesmo ano, tornou-se em Pandemia (Cassey, Ali, Marrufo y Jossefa, 2021), tendo, Moçambique, reportado o primeiro caso em Março do mesmo ano e, a partir daí, várias estratégias foram sendo implementadas como mecanismos de conter os avanços da pandemia, tendo sido possível conter os avanços da transmissão de forma significativa, particularmente com as limitações que foram sendo impostas pelas medidas governamentais (Semá-Baltazar, Cassey y Gudo,

2021). Em resposta a esta situação, o presidente da República de Moçambique Filipe Jacinto Nyusi, a 1 de Abril de 2020, declarou o Estado de emergência (Decreto nº11/2020 de 30 de Março), ratificado pela Lei nº 1/202 de 31 de Março, respondendo, mesmo que de forma indireta, aos apelos internacionais na luta contra a SARS-CoV-2.

Diversas autoridades de saúde internacionais relataram registos de muitos casos de pessoas contaminadas e mortas pelo vírus Sars-Cov-2, o que resultou em instabilidade social, económica e política em todo o mundo, tendo agudizado a situação já caótica da economia nacional de forma nunca antes vistas, pois, muitas pessoas perderam emprego, sendo remetidas à condição de pobreza urbana que passou a ser vista como uma questão social (Sambo, 2021).²

Estratégias de divulgação e prevenção mostraram-se relevantes uma vez consideradas fonte de conhecimento com forte influência na formação de opinião pública, daí a sua intervenção, que pode ser vista como uma ação comunitária (Weber, 1973) para responder a diferentes programas de saúde, sobretudo em programas declarados de Saúde Pública, pois, mexem com comportamentos.

A comunicação em prol de mudança social e de comportamento

A comunicação para a mudança social (SBCC) dos anos 2000 (Bringe, 2013), é uma visão estratégica e instrumental nos processos de planeamento baseado em

2. <https://iese.ac.mz/wp-content/upload>. Acesso a 20 de Janeiro de 2024. (colocar titulo)

resultados que traz consigo uma nova forma de compreender os mecanismos de comunicação tomando como base o indivíduo, transmitindo informação que seja capaz de influenciar a mudança social, apontando, por outro lado, a comunicação como campo de construção social e cultural para transformar a sociedade como um todo.

A SBCC tem uma série de características indicadas como as que servem de base de sustentação na construção **social** e **cultural** para transformar, apresentando as seguintes características,

es participativa, surge de la sociedad; se basa en la propia cultura, y por ello se respetan sus idiomas y sus historias; hace uso de las tecnologías disponibles; busca alianzas y establece redes; y es democrática: crea espacio para la expresión y visibilidad de todos. (Gumucio, en Cadavid y Pereira [comps.], 2012 como citados em Bringe (2013, p. 29)

Ora, a indicação feita pelos autores acima citados nos ajuda a interpretar a SBCC como uma ferramenta fundamental para que possam ocorrer mudanças, na medida em que observa vários aspectos que chamam atenção ao indivíduo de forma particular. A participação, observada em primeiro plano, também é considerada por vários autores como o fundamento de um processo, que

ao nosso ver, tem como fim alcançar objectivos traçados de forma sustentável, pois, olha para o indivíduo valorizando-o a partir do seu ego.

Um dos argumentos levantados por Bringe (2013) é de que a SBCC não é instrumental, não é difusionista e muito menos baseada na doutrina autoritária, o que faz dela ser humanista (Mefalopulos, 2008) transformando-se à medida em que os sistemas de comunicação universais se transformam, pois, insere-se no seu contexto.

Ora, o quadro teórico conceptual explica que as rádios comunitárias gozam de um estatuto especial na sua missão de veiculadoras de informação do interesse público e, particularmente, comunitário. Elas são vistas como pro-locutoras da comunidade, democratizam o acesso à informação, possibilitam o conhecimento situado; são centros de partilha de opinião e de equidade de género, são veículos de informação sanitária, educacional, florestal, faunística, política; são espaços da preservação da identidade e representatividade local e de participação dos cidadãos; estimulam a organização e a mobilização social; são uma expressão das minorias e são plataformas de reivindicação dos direitos (Paula, 2009; Vigil, 2005; Jane, 2006; 2013; Peruzzo, 2006; Alves 2005).

No entanto, as rádios comunitárias, assim como outros órgãos de comunicação de massa, orientam-se segundo uma sociologia de emissores assente no **Gatekeeper**, que impõe os critérios de noticiabilidade (Wolf, 2010; Traquina, 2001) e de responsabilidade social.

O presente artigo apresenta a forma como a rádio comunitária adaptou-se ao advento da pandemia

viral, tendo em consideração o paradoxo de responsabilidade social com interesse público e critérios de noticiabilidade. Assim, foi de maior interesse perceber os níveis de fluxo de informação a partir de autores como Alves (2005), Sousa (2006), Netto (1980), Paula (2010), Mefalopulos (2008), Jane (2006, 2013; Alves 2005) e Nguenha (2022) que discutem os interesses comunitários dentro de um domínio social e que de acordo com Bolaño (2008) proporcionam espaços para educação informal isento da ideologia.

O comportamento do coronavírus tem estado a preocupar cientistas da medicina, arqueologia, antropologia, linguística, história, áreas estas que tomam como berço a comunicação, processo que deve ser considerado importante no contexto da implementação de estratégias para o seu combate.

Por sua vez, a Unicef e ONU, em seus relatórios de 2020; 2021 e 2022, ao analisarem questões da COVID-19, centram-se na descrição dos efeitos; nas consequências da pandemia; na recessão económica nos sectores sociais, sobretudo em pessoas vulneráveis, a exemplo, de mulheres e crianças chefes de família, concretamente nos países em desenvolvimento. De facto, tratam de analisar o acesso aos serviços públicos, tanto na sua disponibilização assim como na disponibilidade de pessoas em aceder. Concluem que a pandemia impactou negativamente no acesso de bens de primeira necessidade tais como a saúde nas crianças, idosos e portadores de deficiência física resultantes do confinamento, além de impossibilitar a proporção dos serviços a aceder (UNICEF, 2020, 2021).

Nas ciências sociais, várias publicações foram

feitas, algumas das quais versam sobre a pandemia da COVID-19. Bingel e Pleyers (2020) e Dinis (2020) fazem uma reflexão sobre os efeitos globalizantes da pandemia que tem vindo a criar instabilidade económica, mas que de certa forma, entendemos como sendo limitada pelas condições que a pandemia tem estado a criar.

Banerjee (2020) sublinha que, na Índia, apesar de acesso limitado à internet (cerca de 40%) e outros factores sociais, incluindo a pandemia, foi possível o surgimento de uma espécie de solidariedade que deu suporte às famílias empobrecidas, reduzindo o estigma nas relações entre vários grupos. Neste autor é possível entender que as classes mais pobres não apresentam nenhuma condição para manterem distanciamento físico tomando como exemplo os casos da crise da peste de 1898, onde os cuidados da saúde foram desvalorizados para os mais pobres. No entanto, no contexto africano é possível perceber que os efeitos da pandemia são minimizados pela solidariedade política, tendo diminuído os seus efeitos colaterais e adversos (Macamo, 2020).

Bingel e Pleyers (2020), por seu lado, destacam a relevância das ciências sociais para a explicação da pandemia por enfatizar o ecossistema social, as assimetrias e as desigualdades globais que tem impacto na política, economia e em outras áreas sociais e humanas. Pois,

a pandemia trouxe uma mudança social, assente em cenários pessimistas (enfatiza o egoísmo, utilitarismo, controlo social, restrições das liberdades e deterioração

das condições de vida) e cenários otimistas (que celebravam a solidariedade, fim do capitalismo predatório-neoliberal e aprendizagem positiva para a distribuição equitativa dos cuidados). Mas as mudanças foram também marcadas pelos cenários: 1) urgência do presente (pressão de agir diante de uma situação nova e extraordinária, iniciativas marcadas pela pressa da rapidez); 2) Miopia do visível: obsessão pelas tabelas, gráficos, pela contagem de casos e pela evolução de crescimento ou achatamento de curva. (grifos dos autores) (BINGEL e PLEYERS 2020, pp. 20-26)

Este cenário foi visível em todos os contextos sociais, particularmente em países do terceiro mundo, a exemplo de Moçambique, onde, no concreto, a situação abalou as massas em todos os níveis. No entanto, os estudos acima referidos, ainda que sejam relevantes para o entendimento da pandemia global, não a referem como fenómeno comunicacional, com os seus limites de noticiabilidade. Não olham a comunicação como um fenómeno social (comunitário) multifacetado, o que dificultou a que pudéssemos traçar um olhar sobre as nuances da comunicação como condição *sin qua non* no processo de mudança social e de comportamento face ao combate desta pandemia.

Parece que a comunicação e suas estratégias se tornaram inúteis face à problemática da COVID-19 na

medida em que elas não deram frutos significativos visíveis, embora tenham enaltecido alguns aspectos em termos de condicionalismos gerais do *novo normal*. Por outro lado, a capacidade das rádios comunitárias em levar a informação a cada vez mais pessoas é condicionada pela sua estrutura financeira cuja sustentabilidade não responde ao desejado como sua medida de ação (Nguenha, 2015), que deve ser tornada cada vez mais comunitária (Weber, 1973), o que faz destes lugares, espaços de cegueira.

Portanto, tentando responder a este défice sociológico, o artigo traz um debate, mesmo que de forma sucinta, sobre a forma como os meios de comunicação, sobretudo comunitários, têm estado a discutir sobre a pandemia, onde, por sua vez, contribui, de certa forma, para a mudança social e de comportamento, mostrando e evidenciando as estratégias do governo e parceiros na mitigação dos efeitos da pandemia. É neste contexto em que buscamos os pensamentos de autores como Alves (2005), Sousa (2006), Netto (1980), Paula (2010), Mefalopulos (2008), Jane (2006, 2013; Alves 2005), Mkaima (2011), Bussotti e Adriana (Orgs.) (2009) e Nguenha (2022) para suportar a análise das entrevistas.

Análise de dados

A COVID-19 nos ambientes rurais

O distrito Ka Mbukwana (Bagamoio) fica situado no município de Maputo e com uma miscelânea de culturas e línguas que influenciam na diferenciação da compreensão das mensagens. Já, Manhiça e Moamba, percebidos como corredores, mesmo não sendo na dimensão ilustrada por Cueteia

(2008), na qualidade de vilas distritais, apresentam características similares situando-se na periferia, contudo, desiguais por terem influências sócio culturais distintos, logo, diferentes formas de ver e assumir as mensagens sobre a COVID-19. Por exemplo, Moamba, sofre influência sócio económica directa da vizinha África do Sul e, Manhiça serve de saída pela EN1 da Província de Maputo para o norte do país. Ora, nesses lugares beneficiam-se de poucos investimentos passando a serem regiões periféricas e pobres divididos por uma rota nuclear com fraco sistema de infraestruturas criadas.

Entende-se COVID-19 como um vírus da classe **SAR-S-CoV-2** que surgiu na China em 2019, daí ser chamado COVID-19. Este vírus pertence a um grupo de retrovírus, a *coronaviridae*, com capacidade de apresentar várias mutações em diferentes pessoas e ambientes, por isso a sua habilidade de se camuflar, o que tem vindo a criar dificuldades na sua plena identificação. Por outro lado, apresenta-se como retrovírus, expondo apenas o ácido ribonucleico (RNA), que atua na produção de proteínas). Isso significa que para a sua multiplicação é preciso que se aloje numa célula que tenha ácido desoxirribonucleico (ADN), que armazena informações genéticas dos seres vivos. À semelhança de outros vírus, (Moamba) este aloja-se em ambientes a ele favorável, multiplicando-se e gerando desconforto ao hospedeiro.

Tendo passado à pandemia, a COVID-19 transpôs várias fases, o que de acordo com os profissionais de saúde, influenciou a que houvesse muitos casos graves e até de mortes em todo mundo. Pois, foram identificados dos mais violentos até aos menos violentos casos notabilizando-se por "febre, tosse e calafrio" (médico de Bagamoio, em entrevista, Novembro de 2021). No entanto, nos últimos dias os sintomas passaram a incluir a falta de paladar e apetite.

Sendo a COVID-19 um tipo de gripe, entendendo-se gripe como sendo todas infecções que afectam a via aérea superior e caracterizado por tosse, espirro entre outros sintomas, ela apresenta-se como sendo "o mais agressivo... mais famoso... Porque criou doença que foi capaz de matar muita gente até data de hoje" (Médico da Manhiça, em entrevista, Novembro de 2021).

De acordo com os médicos, a infecção pode variar de ligeiro a moderado e, podendo passar a grave caso o paciente tiver alguns factores de risco como a idade, combinado com outras doenças respiratórias e/ou crónicas como o caso da asma e hepatite. No entanto, esta possibilidade varia de pessoa para pessoa, o que em outras palavras equivale a dizer que "a imunidade em si do organismo influencia para a mudança do estadio da doença" (Médico de Bagamoio, Novembro de 2021, Novembro de 2021).

É no contexto das variações de causas das infecções indicadas pelos profissionais de saúde onde entra em destaque o papel fundamental da comunicação e suas várias estratégias, a exemplo, do uso dos meios de comunicação de massa para difundir diversas abordagens visando a prevenção de novos casos de contaminação, estancando, dessa forma, a proliferação do vírus.

Note que a comunicação, como uma das estratégias fundamentais na influência à mudança de comportamento, sua história, particularmente na vertente comunitária a nível mundial, remonta, como mostram Diaz e Alffond (2001, como citado em Vicente, 2009), aos anos 1940, no final da II grande Guerra Mundial, onde a Europa usou dos meios de comunicação de massa comunitários para transmitir novos valores em vista à mudança de atitudes perante os desafios impostos incutindo a novas ideias sustentáveis a partir do

conhecimento partilhado como forma de se organizar o meio ambiente ora devastado pela guerra.

Considera-se os meios de comunicação comunitários fundamentais na prevenção do coronavírus a partir da difusão de informação para que a comunidade adote nova forma de ser e estar tendo em conta *o novo normal*. A abertura das linhas telefónicas e os contactos diretos nas comunidades têm vindo a dar maior dinâmica e credibilidade aos *meios*, particularmente por tratarem questões locais de forma local, pensando nos locais, mesmo sendo afectados pelas medidas impostas pela COVID-19.

A estratégia de difusão de informação sobre os casos da Covid-19

O foco nos processos de combate a novas infeções pelo coronavírus foi que os *media* difundiram uma diversidade de programas como forma de alertar as comunidades, particularmente sobre os casos de contaminação em todo país, uma das estratégias frutíferas na prevenção. De uma forma geral, entende-se, nas três rádios, que o processo de produção de conteúdos radiofónicos obedece à mesma regra que consiste em planificação, procurando, de acordo com os jornalistas, fontes credíveis e com capacidade de dar informação para as massas, tendo como base a comunidade.

Nós costumamos dizer que a nossa notícia sai, é da comunidade para a comunidade ou seja nós vamos a comunidade buscar, vamos tratar e devolvemos a própria comunidade... É que a notícia está em qualquer lugar, a notícia está quando

acordamos, antes de sair de casa, antes de sair do quarto ou de sair da cama já temos a notícia, mas só existe ela se alguém for trabalhar para que permaneça viva. (Jornalista 2, Voz Coop – Bagamoio - em entrevista).

A informação difundida nos três pontos em análise serviu estratégica respondendo ao domínio comunitário a partir da relação estabelecida com as lideranças locais servindo como inspiração a bons resultados, assumindo-se, por outro lado, como sendo um conjunto de pessoas que servem de elo de ligação entre a comunidade e os governos locais, para além de serem uma habilidade de influenciar a mudança social e de comportamento.

As lideranças locais, combinadas às rádios comunitárias locais, tornam-se em veículos poderosos a darem resposta de forma local e para os locais. É através destes líderes e rádios que se partilha informações de vária ordem que serviu positiva na criação de esforços comunitários na prevenção da COVID-19, tendo, no entendimento dos líderes, influenciado a população a adoptar medidas de prevenção decretadas pelo governo.

Entende-se que os líderes privilegiam o uso do celular na troca de informação e, mesmo que de forma personalizada, o fluxo torna-se dinâmico e os resultados são significativos na medida em que todos têm dedicado uma parte do seu tempo nas actividades da comunidade, mesmo que de forma não remunerada, sendo este processo visto como suporte ao trabalho da rádio local, assumido nesta relação como a mediadora na

ligação entre o governo e a comunidade, criando proximidade e relações duradouras.

Os ouvintes, por seu turno, serviram de base para medir os impactos das rádios comunitárias locais, onde, nos três pontos, foi possível notar que não é toda a comunidade que gosta de escutar rádio. Porém, os que gostam é basicamente por três razões: (1) uso das línguas locais; (2) trata assuntos que tocam aos aspectos locais e; (3) por conhecerem pessoas que trabalham nestas rádios.

É possível perceber que, em média, cada rádio comunitária produz cerca de seis programas sobre saúde na base das línguas locais por estas serem de maior domínio nas comunidades. As línguas locais (xironga/xishangana) flexibilizam o fluxo de informação que, em função de cada contexto, evidenciam sinais dos problemas de forma local, através de conversas que ocorrem, com maior frequência, por baixo das árvores, lugares considerados ancestralmente sagrados para os encontros comunitários (Nguenha, 2022).

Foi possível perceber a existência de pessoas nas comunidades que, mesmo sem se importarem em conhecer as rádios locais, admitem escutar a um conjunto de programas educativos incluindo sobre prevenção de várias doenças, a exemplo da malária, do HIV e SIDA e, particularmente, nos últimos dias, sobre a COVID-19 que, em grande parte é possível avaliar-se seu impacto como programas que influenciam a mudança de comportamento, mesmo que a longo prazo, há os que afirmam que "acabei vendo que era necessário" (Ouvinte 2, de Bagamoio, em entrevista). Por outro lado, é possível entender que os programas

de rádio foram importantes porque "antes de acompanhar as informações sobre a prevenção eu apertava a mão dos meus amigos, mas agora já não" (Ouvinte 4, da Manhica, em entrevista).

Houve uma percepção de que a comunidade, mesmo que não de forma propositada, esconde informação sobre o seu estado de saúde, o que de certa forma dificulta a prevenção comunitária. Os programas transmitidos nos meios de comunicação são considerados importantes pelas comunidades na medida em que "ajudam porque tem aquelas pessoas que não tem televisão, tem transmitido sobre a rádio" (Ouvinte 4, Moamba, em entrevista). Sendo que, na sua maioria, os meios difundem programas visando "nos proteger" (Ouvinte 3, de Moamba, em entrevista).

O reconhecimento às estratégias de combate à pandemia ainda não atingiu o ponto máximo em alguns lugares, pois, há ainda os que argumentam que a COVID-19 não existe, mesmo em pequenas dimensões, o que nos leva a indagar sobre outras formas estratégicas de modo a que a prevenção seja vista como uma ação em comunidade (Weber, 1973), facilitando o trabalho dos agentes da saúde, em particular e, do governo e seus parceiros, no geral.

É importante considerar que em tempos de pico da pandemia, o não-cumprimento das medidas de prevenção era punível por pena de prisão equivalente a um dia. Esta artimanha é considerada positiva pois, garantiu, de forma significativa, ao cumprimento das medidas na medida em que "as pessoas já estão a seguir. Até as 17 horas já está dentro de casa" (Ouvinte 3, de Moamba, em entrevista). Note-se que a sensibilização era feita de

forma dirigida, entendida por Schuller (2004) como uma das formas mais eficientes no alcance dos objectivos.

Entende-se que a existência de poucos casos sobre a COVID-19, a exemplo de Moamba, mesmo propensa por fazer fronteira com a África do Sul, deveu-se pela disponibilidade dos profissionais da saúde e das lideranças locais em partilhar informação necessária de modo a que a comunidade possa aprender sobre as diversas formas de prevenção.

Circulação de informação e educação comunitária

Pela forma como a informação circula nestes lugares, assumindo-se como lugares periféricos, na perspectiva de Árabe (2003) e Santos (2006, como citado em Lima, 2010) e que, por via disso, tornam-se lugares de cegueira (Schramm, 1976) onde a informação vai decaindo quanto mais caminha-se para o interior, torna-se fundamental criar sinergias que conectem os três atores (governo, líderes e comunidade) como forma de elevar o nível de interesse comunitário em todos os domínios como subterfúgio de dar sustentabilidade às estratégias de comunicação.

Entende-se, assim, que a informação que circula têm estado a consciencializar as comunidades na medida em que percebe-se que as pessoas tendem a aderir nas estratégias de prevenção trazidas pelo Ministério da Saúde [MISAU] (2020), como o caso da lavagem das mãos com água e sabão, uso da máscara facial e distanciamento, embora este último seja o mais complexo pelas condições vivenciadas, por exemplo, nas paragens de transporte público e semicolectivos, onde se observa aglomerado de pessoas em busca deste serviço.

Foi positivo perceber que a comunidade, para além dos *media*, no âmbito de busca de informação, usa a comunicação dirigida como uma estratégia de partilhar informação, especialmente os jovens, onde é possível notar que “eu posso passar a informação a uma outra pessoa e essa pessoa passa a uma outra e assim a informação vai circulando pela comunidade” (Ouvinte 2, da Manhiça, em entrevista). Esta prática é significativa na partilha de experiências e/ou troca de informação, sobretudo em sociedades onde o acesso aos meios de comunicação é reduzido, podendo ser vista como uma manigância pela inclusão.

As RCs locais têm difundido programas de debates sobre várias temáticas relacionadas a COVID-19 usando diferentes intervenientes como especialistas de saúde e líderes comunitários para reforçar as estratégias de proteção contra a coronavírus. Pois, argumenta-se que “se não fossem esses programas eu não teria noção, não iria saber como prevenir outra pessoa e como é que pode prevenir da COVID-19 nem, e outras doenças também” (Ouvinte 1, de Bagamoio, em entrevista).

Olhando em concreto nos lugares per-urbanos e rurais onde os fluxos de informação vão se tornando cada vez mais escassos, pode-se considerar lugares onde a falta do conhecimento mina a condição social das comunidades. Ora, a percepção de mensagens sobre qualquer assunto requer muita atenção da parte de quem a desenha (teoria dos emissores) o que passa da identificação, em primeiro, da expressão dos grupos e, segundo, da significação ao que se ouve. O fundamental na estratégia é conferir à comunicação mecanismos capazes de contribuir na construção de processos de interatividade através de um novo modo de pensar, trabalhando os aspectos simbólicos, materiais e afectivos (Massoni, 2007, 2008).

A capacidade comunicativa nestes lugares vai tomando o ambiente desprovido de capacidades capazes de transformar, mesmo se considerarmos ao uso massivo dos meios de comunicação como as rádios comunitárias. É a meio a essas razões que os líderes locais incentivam ao acesso do meio radiofónico uma vez que “é o meio de comunicação mais próximo onde tem muitos programas em várias línguas” (Líder comunitário de Moamba), para além de ser abrangente.

Por reconhecer-se sua capacidade de transmitir informação entende-se que “gostaríamos de ter rádio para que possamos ouvir em todas estações, ouvir aqui e lá. Porque devemos ouvir assuntos sobre o nosso país” (líder comunitária de Mulembja, Manhiça). Isto porque, por outro lado, “através da rádio temos captado o essencial da informação sobre diferentes pontos e repassamo-nos entre nós” (Líder comunitária de Mwachukeni, Manhiça, em entrevista).

Apesar da abrangência do meio rádio, maior parte dos líderes não usa este meio, dando prioridade ao sistema de telefonia móvel, considerada mais eficaz por responder a casos de emergência. Já, olhando para a comunidade, é possível considerar que maior parte (INE, 2019) não dispõe deste meio. Ora, o meio rádio, mesmo não sendo o de maior preferência nas residências, nos locais de trabalho e, em particular, nas machambas, dá-se maior preferência pela sua simplicidade de porte.

Neste contexto, analisa-se, de acordo com Schramm (1976) que as informações nas comunidades rurais caem em função das distâncias em relação às cidades. Ora, a falta da técnica e do conhecimento científico nestes lugares acaba condicionando a que a única estratégia disponível, através da oralidade, seja vista sustentável, pois a comunidade “sente-se bem quando o pessoal da saúde procede

desta forma, ensinando a comunidade” (líder comunitária de Mulembja, Manhiça). Ora, uma das constatações é que, pese embora os níveis de informação decaiam nas zonas rurais, foi notório o papel das RC na disseminação de informações de utilidade pública o que determinou a que nestes lugares os níveis de contaminação fossem sustentáveis aos serviços distritais de saúde.

O dia-a-dia e a sustentabilidade das rádios

No contexto da sustentabilidade das RCs, a de Moamba, no distrito com mesmo nome, estando na gestão do Instituto de Comunicação Social (ICS), uma instituição governamental, beneficia-se de financiamento proveniente do orçamento do Estado. Por seu turno, a sustentabilidade das RCs de Nkomati, no distrito da Manhiça e da Voz Coop, no distrito municipal Ka Mubukwana, tem uma gestão privada, a FORCOM e a Igreja Católica através da União Geral das Cooperativas (UGC). Assim, a fraca capacidade financeira influencia a **ação organizacional** dos meios, condicionando a forma de trabalho, especialmente na consciencialização comunitária sobre a Covid-19.

Em Nguenha (2015), a sustentabilidade das RCs em Moçambique é vista como a que impera a atuação das rádios, pois, a falta de verba limita a condição de trabalho, tendo sido percebido, neste caso, as dificuldades dos meios em fazerem abordagem geral sobre a pandemia da Covid-19. Ora, há uma ideia segundo a qual as RCs são da comunidade e que trabalham para a comunidade e não esperam gerar lucro. Portanto, servir a comunidade não significa necessariamente não gerar recursos como forma de criar condições para continuar a manter a rádio (Saul, em entrevista 2020, como citado em Nguenha, 2022).

A capacidade financeira destes meios, pelas características que apresentam e, por outro lado, os ambientes em volta onde elas se encontram, tornam-se em desafios, pois, a situação socioeconómica dificulta a que elas possam ter maior espaço de manobra na solução dos seus problemas, incluído e, de forma particular, a criação de debates sobre Covid-19. Estes lugares, sendo distintos e assimétricos pela sua dinâmica socioeconómica, de acordo com Árabe (2003), condicionam um desenvolvimento desigual, o que nos remete à ideia de espaços vazios e pobres onde a falta de condições para desenvolver os mecanismos de produção de informação se torna minado, diminuindo a capacidade dos meios em abordar sobre a Covid-19 de forma contínua.

A programação nas RCs é feita para responder a diversas necessidades da comunidade que, caracterizando-se por serem comunidades rurais, em particular, Moamba e Manhiça, buscam equipar as pessoas por uma infinidade de informação capaz de construí-las socialmente, fortificando, por outro lado, os laços sociais.

Nestes meios de comunicação, assumindo-se comunitários, trabalham de forma aberta de modo a dar voz aos sem voz, conforme pode-se perceber em Augustin (2013), trazendo inclusão (Nguenha, 2022). Ora, dois mecanismos de interação foram identificados: o primeiro tem que ver com a abertura de linhas telefónicas em programas ao vivo, porém, nota-se fraco se comparado com o segundo, que são as emissões especiais nas comunidades onde “notamos maior interação porque estamos em contacto direto com a população e eles se sentem mais aconchegados”

(Coordenador da RC Nkomate, em entrevista). E, por outro lado, o mais importante seria fazer com que os programas durem “pouco tempo. Mas aquele pouco tempo retém o ouvinte... Trazer todo tipo de fontes possíveis para esclarecer” (Jornalista 2, Voz Coop, em entrevista).

A razão de ser das estratégias de comunicação do governo é em função da necessidade de se criar sinergias nas comunidades de modo que possam saber distinguir os problemas de saúde pública e não só. Por isso considera-se fundamental a estratégia de comunicação visando influenciar a mudança de comportamento.

Acesso à informação e medidas de prevenção

As medidas de prevenção do governo trouxeram impactos significativos pela forma como foram sendo passadas pelos líderes locais e não só, podendo, estas, serem em forma de notícia, reuniões, palestras, entre outras, o que fez com que as pessoas percebessem a necessidade de tomar medidas corretas. Pois, a repetição das mensagens pelos meios comunitários apoia as lideranças na garantia do cumprimento dos objectivos pretendidos. É neste contexto que se avalia de forma positiva a receptividade das informações do governo na medida em que “até ao ponto de eu conhecer as medidas de prevenção é graças a eles, depois eu repasso à comunidade” (Líder comunitária de Mwachukeni, Manhiça).

Portanto, nas três comunidades, Manhiça, Moamba e Bagamoio, foi possível avaliar os impactos

da COVID-19. Porém, a existência de muitas culturas, a exemplo de Moamba e, no geral, a província de Maputo como um todo, por se observar pessoas provenientes de outras províncias e países vizinhos, criam-se condições para que as diferenças de comportamento perante a COVID-19 e outras situações adversas condicionem a percepção das mensagens partilhadas bem como a estratégia implementada, o que aventa a possibilidade do aparecimento de um mal-estar social, mesmo sendo considerado em pequenas dimensões.

Assim, é premente que as rádios trabalhem em parceria com outras instituições, tanto públicos assim como privados a nível local de modo a trazerem uma diversidade de informação. Em concomitância com os casos da coronavírus, considerada uma das gripes que tem vindo a preocupar todo o mundo nos últimos dias e, a malária, em particular, em Moçambique, os meios de comunicação têm vindo a empreender maiores esforços como estratégias de sua mitigação.

Apesar dos esforços do governo e das RCs na prevenção de novos casos de contaminação, ainda era possível encontrar casos de negligência onde as comunidades ignoravam as medidas de segurança, como o caso do uso da máscara influenciado pela introdução da vacina, considerada a medida mais segura de todas. É importante sublinhar, por outro lado, que as fontes de informação no início da pandemia por vezes não respondiam aos convites dos jornalistas para abordarem sobre os casos da contaminação, o que influenciou na subida de casos.

O contributo das RCs nos distritos é

considerado positivo, condicionando o **acesso à informação**, sobretudo nas comunidades rurais onde os servidores públicos acham que partilhar informação com os demais é prestar favores e que na maior parte das vezes pensa-se que a informação não é necessária nestes lugares (Ngunha, 2008, 2013). Com os programas de rádio a nível dos distritos, particularmente em Moamba e Manhíça, os jornalistas contribuíram, através dos meios de comunicação comunitários, no acesso à informação de nível local.

Cada meio procura produzir seus programas para responder aos problemas identificados na sua comunidade partilhando informação à comunidade, para todas as faixas etárias através da educação, influenciando na capacidade de tomada de decisões de forma sábia. Assim, no contexto comunitário as rádios devem ser vistas como parceiras no processo de educação, considerado por Bolaño (2008) e Schramm (1976) como ideológicos, daí a necessidade de falar sobre diferentes assuntos usando a linguagem da comunidade. Pois, este meio cria debate de ideias e faz com que se reflitam, não só na própria comunidade, mas também aos responsáveis pela administração pública, estabelecendo uma ligação entre diferentes indivíduos e as lideranças no sentido de condicionar a um bem-estar social da comunidade, tornando-a sustentável (Jane, 2004). As fontes de informação têm sido o centro para a materialização de programas relevantes, particularmente nas medidas de prevenção.

De forma global, nos três pontos foi possível perceber que cerca de 30% dos entrevistados (de acordo com o global dos entrevistados num total de cerca de

30 membros da comunidade sem contar com médicos, líderes e jornalistas) não aceita nenhum mecanismo de prevenção, nem pela lavagem das mãos, nem pelo distanciamento e, muito menos ao uso da máscara protetora. Um dos argumentos assinalados é que a doença é vista como passageira (por cerca de 32%?) daí não acreditarem nos resultados das medidas adoptadas como eficazes na prevenção. Uma das formas de pensar sobre a propagação da doença é que “eu disse ah esta doença aqui não vai chegar ou se chegar não será com mesmo fluxo... Foi uma grande ignorância porque eu não pensei que podia chegar, mas chegou de verdade e estar a matar muitas pessoas” (Ouvinte 5, de Bagamoio, em entrevista).

Reflexões conclusivas

O movimento das rádios comunitárias é uma temática que vem ganhando cada vez mais destaque nas discussões sobre mudança social e de comportamento. As razões estão nas características deste meio de comunicação, as quais, para Peruzzo (2006), favorecem a democratização da comunicação; é despidido de fins lucrativos e com uma programação vinculada aos interesses da comunidade onde está inserida valorizando, por seu turno, a cultura local e comprometida com a cidadania no conjunto de sua programação e, não somente, como também em atividades específicas

Buscando compreender o papel da comunicação comunitária moçambicana na cobertura de casos da COVID-19, a pesquisa mostrou que os meios de comunicação de massa nas comunidades rurais da Manhiça, Moamba e Bagamoio têm servido de elo com as respectivas comunidades, o que determinou resultados positivos no combate à pandemia. Nestes lugares foi evidente a existência de diferentes *status* entre famílias daí as diferentes preferências no acesso

à informação tendo sido evidente ainda as diferenças em termos de capacidade de influenciar na mudança, sendo a comunicação alternativa a mais capacitada por dar respostas de nível local.

A questão sanitária a nível das escolas, hospitais, mercados, entre outros lugares de maior concentração nos distritos em análise foram identificados mormente lugares que não respondem às exigências impostas pelo *novo normal* e continuam longe de influenciar a mudança de comportamento. Portanto, é a meio a esta lógica que se percebem as razões pelas quais a comunidade não se mostrar aberta para a mudança, particularmente por não seguir conforme as medidas de prevenção contra a COVID-19 estabelecidos pelo governo.

Outrossim, os níveis do saneamento do meio nestes três pontos, como requisito básico para o cumprimento do objetivo do governo em minimizar os níveis de contaminação são comprometidos. Portanto, Moamba, Manhiça e Ka'Mbukwana (Bagamoio) são lugares que se caracterizam pela escassez de serviços bem como lugares onde o controle sanitário escapa às capacidades governamentais, daí o conjunto dos serviços de saúde disponibilizados não responderem a contextos comunitários. Isto é, os argumentos de Schramm (1976) segundo os quais os níveis de circulação de informação vão decrescendo quanto mais se caminha em direção às zonas periféricas podem ser usados para justificar os serviços, não só de informação, mas também os de saúde que também decrescem quanto mais se avança em direção à periferia.

As lideranças, servindo de elo entre a comunidade e o governo, mostraram-se pertinentes na difusão de informação sobre a prevenção da COVID-19 fazendo com que esta desça a partir do topo até à base por meio de encontros e reuniões. Neste contexto, os meios de comunicação comunitários,

no caso da Voz Coop (Bagamoio), N'Komati (Manhiça) e Moamba, em cooperação com o Governo e líderes locais, mediatizaram sobre a pandemia tendo sido uma estratégia significativa na difusão de mensagens que ajudaram na influência para a mudança de atitudes e do comportamento das comunidades, resultando positivo na mitigação bem como na prevenção da COVID-19, podendo-se considerar ser uma estratégia sustentável.

É fundamental considerar que entre os líderes comunitários a informação circula de forma informal, podendo ser por mensagens telefônicas ou porta-a-porta que, sendo lenta e manipulável, coloca em dúvida a sua aplicabilidade se não for combina com outras estratégias mais eficazes para influenciar na mudança de comportamento.

A circulação de informação, considerada desde já uma estratégia eficaz tratando-se de um público identificado e cujo comportamento tende a ser igual, se considerarmos os contextos dos líderes, torna-se fundamental na partilha e circulação de informação, pois é transmitida para atingir indivíduos do mesmo nível em termos de necessidades informacionais. Porém, a informação é um bem sensível e que se mede pela responsabilidade a que as lideranças assumem sobre ela, daí chamar-se maior atenção ao uso dos meios para dinamizar os fluxos de mensagens a nível das comunidades, como forma de diminuir a manipulação das mensagens que circulam de forma oral, respeitando os valores e normas sociais que, de forma particular, vão ser fundamentais no combate à COVID-19.

Referências Bibliográficas

ALVES, A. M. V. 2005. *As rádios comunitárias em Moçambique*, estudos de caso. Porto: FLUP- Dissertação de mestrado;

ÁRABE, C. H.G. (2003). Centro e periferia, cinquenta anos depois. *Revista Plural*, Sociologia. USP. S. Paulo, n. 10, p 181-195. Disponível em: www.revistas.usp.br/plural/article Acesso: 24 Jun. 2020;

AUGUSTIN, K. N'da K. (2013). *Da Rádio analógica à Rádio digital: quais as perspectivas para a África Ocidental Francesa?* Dissertação de Mestrado em Informação, Comunicação e Novos Media apresentada ao Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/35948/1/Da%20radio%20analogica%20a%20radio%20digital.pdf> Acesso: 24 de Janeiro de 2019;

BANERJEE, S. 2020. *Espaços comunitários na Índia: construindo solidariedade em tempo de pandemia*. In. BINGEL, B. e PLEYERS, G (Eds). *et. al.* 2020. *Alerta Global: políticas, movimentos sociais e futuros em disputas em tempos da pandemia*, Buenos Aires: CLACSO, ALAS;

BOLAÑO, C. *at al.* (2008). *Comunicação, Educação, Economia e Sociedade no Brasil – desenvolvimento histórico, estrutura atual e os desafios do século XXI*. SP: UFS Ed;

BINGEL, B. e PLEYERS, G. (Eds). *et. al.* 2020. *Alerta Global: políticas, movimentos sociais e futuros em disputas em tempos da pandemia*, Buenos Aires: CLACSO, ALAS;

BRINGE, A. C. (2013). La comunicación el cambio social: nos acerca o nos aleja? *in* POZZO, A. O. *et al.* (2013). *Comunicación y desarrollo*. 1a ed. Buenos Aires. La Crujía;

- BUSSOTTI, L. e ADRIANA, N. (Orgs.). 2009. *Rádios comunitárias, desenvolvimento distrital e participação das mulheres: Novas práticas de cidadania*, Maputo: CIEDIMA;
- CASSEY, A., ALI, S., MARRUFO, T. e JOSSEFA, M. V. 2021. Epidemiologia da COVID-19 no mundo e no Continente africano. In Observatório Nacional de Saúde (ONS). 2021. COVID-19 em Moçambique. Relatório do primeiro ano 2020-2021. Maputo;
- CUETEIA, E. D. Q., 2008. O impacto dos corredores de desenvolvimento na economia moçambicana, 1996 a 2006, o caso do corredor de Maputo. Trabalho de licenciatura em Economia. UEM. Maputo;
- Decreto Presidencial nº11/2020 de 30 de Março. Boletim da República. 2020. Publicação Oficial da República de Moçambique;
- DHAR, S. & BOSE, I. 2022. Victim crisis communication strategy on digital media: A study of the COVID-19 pandemic. Journal Elsevier. <https://doi.org/10.1016/j.dss.2022.113830>;
- DINIS, C. 2020. *Actualização sobre covid-19: Relatório nº3*, Maputo: ONU;
- GIL, A. C. 2008. *Métodos e técnicas de pesquisa social*, 6a.edição, São Paulo: Atlas editora;
- Instituto Nacional de Estatística [INE], (2019). *IV recenseamento geral da população e habitação – resultados definitivos*. Maputo-Moçambique. Disponível em <http://www.ine.gov.mz> Acesso: 17 de Junho de 2020;
- JANE, T. J. 2013. *A contribuição das rádios comunitárias na educação para a cidadania em Moçambique*, In. HOHLFELDT, António e Maria Inês Amarante (Orgs.). 2013. *África: Múltiplos olhares sobre a comunicação*. São Paulo: INTERCOM;
2006. *Comunicação para o desenvolvimento: o papel das rádios comunitárias na educação para desenvolvimento local em Moçambique*, São Paulo: UMSP- Tese de Doutoramento;
- KAUARK, F. da S.; MANHÃES, F. C. e MEDEIROS, C. H. 2010, *Metodologia da Pesquisa: um guia pratico*, Editora Via Litterarum, Itabuna/Bahia, Brasil;
- LIMA, A. J. de 2004. A Pobreza urbana e as suas múltiplas faces: experiências e significados. VIII Congresso Luso-Afro-brasileiro de Ciências Sociais. Disponível em <https://www.ces.uc.pt.lab2004/pdfs/>;
- LIMA, I. O. de. 2010. *Rádio comunitária, género e capital social: a experiência da Alternativa FM, emissora da Associação das Mulheres de Nazaré da Mata - Amunam*. Dissertação do Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Educação, Recife.<http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/bitstream/tede2/6082/2/lvanice%20Oliveira%20de%20Lima.pdf> Acesso: 22 de Fevereiro de 2019;
- MEFALOPULOS, P. 2008. Development Communication Sourcebook: broadening the boundaries of Communication, Vol 1. Washington. USA;
- MACAMO, E. 2020. *Paradoxo de perturbação: África e Coronavírus*. In. BINGEL, B. e PLEYERS, G. (Eds). et. al. 2020. *Alerta Global: políticas, movimentos sociais e futuros em disputas em tempos da pandemia*, Buenos Aires: CLACSO, ALAS;

MANJATE, J. L. S. 2020. *Conhecimentos, atitudes e práticas dos funcionários públicos de Moçambique em relação a prevenção da covid-19*, Maputo: MEDH, ISCS, UEM;

MASSONI, S. H. (2007). Estrategias: Los desafios de la comunicaci3n em um mundo fluido. Ros3rio: Homo Sapiens Ediciones. Dispon3vel em http://aulavirtual.agro.unlp.edu.ar/pluginfile.php/34315/mod_resource/content/1/Modelo_comunicacion_estrategica_Sandra_Massoni.pdf Acesso: 22 de Julho de 2019;

(2008). *Os desafios da comunica3o em um mundo fluido*. FISEC-Estrat3gias - A3o IV, N3mero 10. Pp. 45- 56 <http://www.fisec-estrategias.com.ar/>. Acesso: 17/07/2019;

MAY, T. 2004. Pesquisa Social: quest3es, m3todos e processos; (3ª ed). Artmed, SP;

MISAU. 2020. *Plano da prepara3o ao surto de novo coronav3rus (Covid-19)*, Maputo;

MKAIMA, R. F. da C. 2011. *As r3dios comunit3ria em Moçambique: contributo para uma an3lise*, Lisboa: Instituto Universit3rio de Lisboa- Disserta3o de Mestrado, pp.67;

NETTO, J. T. C. (1980). Semi3tica, Informa3o e Comunica3o. SP: Perspectiva.

NGUENHA, F. P. M. (2008). Fluxo de informa3o extra institucional – o caso da Vis3o Mundial. Maputo: UEM. Monografia apresentada em defesa p3blica para obten3o do grau de licenciatura em Jornalismo pela Escola

de Comunica3o e Artes da Universidade Eduardo Mondlane. Maputo;

NGUENHA, F.P.M. (2013). Comunica3o para o desenvolvimento sustent3vel, o caso da vila do mil3nio de Chibuto. Disserta3o do mestrado Apresentada no Instituto Superior de Ci3ncia e Tecnologia de Moçambique [ISCTEM]. Maputo;

NGUENHA, F. P. M. (2015). Comunica3o para o desenvolvimento sustent3vel em Moçambique: caso da vila do desenvolvimento do mil3nio de Chibuto. CEC. Maputo;

(2022). Comunica3o para o desenvolvimento sustent3vel em Moçambique: uma an3lise das estrat3gias de comunica3o das vilas do desenvolvimento do mil3nio de Chibuto, Chitima e Itoculo – 1964 a 2020. Tese de doutorado. Barcelona. Espanha;

PAULA, P. M. (2009). *R3dios comunit3rias por uma democracia activam: dois estudos de caso*: Guin3-Bissau e Moçambique, ISCTE-IUL, Lisboa;

PERUZZO, C. M. K. (2006). *Revisitando os Conceitos de Comunica3o Popular, Alternativa e Comunit3ria*. XXIX Congresso Brasileiro de Ci3ncias da Comunica3o, Bras3lia-DF, INTERCOM/UnB, 6 a 9 de setembro de 2006. <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116338396152295824641433175392174965949.pdf> Acesso: 22 de Fevereiro de 2019;

SEM3-BALTAZAR, C., CASSEY, A. y GUDO, E. S. 2021. A COVID-19 em Moçambique. *In* Observat3rio Nacional de Sa3de (ONS). (2021). COVID-19 em Moçambique.

Relatório do primeiro ano 2020-2021. Maputo;

SCHRAMM, W. (1976). Comunicação de massa e desenvolvimento, RJ: Blosh Ed;

SCHULER at al., M. (2004). Comunicação estratégica, (1ª ed). RJ;

SOUSA, J. P. 2006. Elementos de teorias e pesquisa da comunicação e dos média. 2ª Ed., Porto;

TAYLOR, S. J. y BOGDAN, R. (1994), *Introducción a los métodos cualitativos de investigación: la búsqueda de significados*, 2da ed., Ediciones Paidós, Barcelona;

TRAQUINA, N. (2001). **O estudo do Jornalismo no século XX, Brasil:** Editora Unisinos;

TRIVIÑOS, A. N. (2007). Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais - a Pesquisa qualitativa em educação: O Positivismo, a Fenomenologia e o Marxismo. (1ª ed). SP: Atlas;

UNICEF. 2020. impactos da covid-19 nas crianças em Moçambique, Maputo;

VICENTE, M. M. (2009). História e Comunicação na ordem internacional [online]. São Paulo: Editora UNESP; disponível em <https://books.scielo.org> Acesso a 20 de Março de 2020;

VIGIL, J. G. L. (2005). *Manual urgente para radialistas apasionados*. Lima, Inti Barrientos;

YIN, R. K. (2001). Estudo de caso: planejamento e métodos. (2ª ed). Porto Alegre:]Bookman;

WEBER, M. (1973). Metodologia das ciências sociais. (2ª ed.) parte 2. SP: Cortez;

WOLF, M., 2010. teorias de comunicação de massa, Tradução de Karina Jannini, São Paulo: Martins Fontes;